

UMA POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA QUANTITATIVO-QUALITATIVO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA

Francisco Santos Pereira Júnior*

Mussa Abacar**

RESUMO

Na pesquisa em psicologia, diversos estudiosos têm enfrentado, frequentemente, dificuldades concernentes à escolha do método adequado para investigação de seu objeto de estudo. Isto porque, a metodologia qualitativa é geralmente vista em oposição à metodologia quantitativa o que levanta questionamentos relativos a confiabilidade dos resultados em qualquer dessas abordagens metodológicas. Este artigo propõe evidenciar a conveniência de minimizar a dicotomia qualitativa-quantitativa, proporcionando um quadro para a concepção e realização de pesquisa psicológica baseada em métodos mistos. Assim sendo, através de esclarecimentos e argumentação possibilita-se a remoção de alguns entraves que, por ventura, possam surgir no momento da escolha do método mais apropriado por parte do pesquisador. Para tanto, a partir do exame da literatura, abordou-se as diferentes vertentes de pensamento científico que embasam o desenvolvimento metodológico da pesquisa científica e as diferentes visões sobre complementaridade, ou não, das referidas abordagens na definição metodológica do estudo científico. Diversos pesquisadores têm reconhecido que a complementaridade existe e é fundamental, tendo em vista as pretensões da pesquisa em ciências humanas, que não podem ser alcançadas por uma única abordagem metodológica. Através deste olhar, se percebeu que ambas abordagens, em pesquisa científica, concebidas até então como opostas, na verdade, estão apenas preocupadas com problemas e tópicos diferentes, entretanto, igualmente importantes. Assim, conclui-se que ambas as abordagens não são excludentes e o uso simultâneo numa investigação psicológica, pode sim, promover um melhor e mais confiável resultado.

Palavras-Chave: Metodologia. Projeto de pesquisa. Pesquisa qualitativa. Pesquisa quantitativa. Triangulação.

ABSTRACT

In the Psychology researches, many scholars have faced, frequently, difficulties about the choice of the appropriated method for the investigation of their study subjects. This is why the qualitative methodology is often seen as opposed to the quantitative methodology, what arises questions about the reliability of the results in any of these methodological approaches. This

* Psicólogo pela FACHO e Mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE

** Docente da Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula, Moçambique e Doutorando em Psicologia Cognitiva na UFPE

article proposes to highlight the convenience of minimizing the dichotomy between qualitative and quantitative, providing a space for the conception and realization of a psychological research based on mixed methods. Therefore, through elucidation and argumentation, it is possible to remove some obstacles that may appear in the moment of choosing a most appropriated method by the researcher. For this, from the examination of literature, we approached the different sides of scientific thinking that bases the methodological developing of the scientific research and the different visions about complementarity (or not) of the referred approaches in the methodological definition of scientific study. Many researchers have recognized that the complementarity exists and that it is fundamental, considering the pretensions of researches in Humanities that cannot be reached by a single methodological approach. Through this look, it was perceived that both approaches, in scientific research, until now conceived as opposites, are actually only concerning about different problems and topics, however, equally important. Thus, it is concluded that both approaches are not exclusionary and that the simultaneous utilization in an investigation may promote a better and most reliable result.

Keywords: Methodology. Research project. Qualitative research. Quantitative research. Triangulation.

1 INTRODUÇÃO

O debate nomotético-ideográfico, isto é, quantitativo-qualitativo avançou nas ciências sociais contemporâneas, com distinções rígidas entre os dois métodos, resultando em disputas acirradas nos quais cada método é tomado como uma alternativa oposta e/ou incompatível com a outra (Carvalho, Pedrosa, & Amorin, 2006). Anguera (2004, apud Rodrigues, 2008) sustenta que, também no âmbito das ciências do comportamento, esta tradicional oposição entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, dividiu o posicionamento dos investigadores num conflito epistemológico-paradigmático-metodológico. Assim, as diferentes vertentes de pensamento científico que embasam o desenvolvimento metodológico da pesquisa científica, têm apontado diferentes visões sobre complementaridade, ou não, das abordagens quantitativa e qualitativa na definição metodológica do estudo científico. Kuhn (2000, p. 75) aponta que “quando os cientistas não estão de acordo sobre a existência ou não de soluções para os problemas de sua área de estudos, então a busca de regras adquire uma função que não possuem normalmente”.

A metodologia qualitativa é geralmente vista em oposição à metodologia quantitativa que, pelo menos em Psicologia, frequentemente produz tentativas restritas de medir o comportamento humano ou o processo cognitivo humano. Assim, os dados quantitativos são frequentemente apresentados como mais ricos e mais válidos do que os dados qualitativos e, por outro lado, os

dados qualitativos são, muitas vezes, concebidos como muito subjetivos por não se basearem nos padrões estabelecidos (Dey, 1993, apud Rodrigues, 2008).

Consoante com Kuhn (2000, p.75) “quando os cientistas não estão de acordo sobre a existência ou não de soluções para os problemas de sua área de estudos, então a busca de regras adquire uma função que não possuem normalmente”. De forma evidente, a tentativa de falsear uma teoria ou abordagem constitui a mola propulsora do desenvolvimento da ciência (Popper, 1972).

Entretanto, para além das rivalidades, há um reconhecimento crescente que a investigação requer uma parceria de abordagens, e que há muito mais valia com a colaboração do que com a competição. Conforme asseveram Johnson e Onwuegbuzie (2004), em comparação com pesquisas que empregam um único método, uma característica fundamental de métodos mistos é o seu pluralismo ou ecletismo metodológico, que frequentemente resulta em investigações mais elaboradas. Tal colaboração de enfoques qualitativo e quantitativo pode ocorrer quando existem múltiplos aspectos de uma investigação que necessitam de ser analisados ou quando um problema, ou uma questão de investigação, não pode ser tratado através de um único tipo de método, existindo necessidade, e o mérito, em olhar essa situação de investigação a partir de diferentes ângulos, que, quando utilizados de forma adequada, podem apenas providenciar maior robustez na análise do problema (Anaf & Sheppard, 2007).

Dessa forma e considerando que a ciência não progride de forma meramente cumulativa, e que a análise do desenvolvimento do conhecimento científico precisa levar em consideração o modo como a ciência trabalha na realidade, bem como a necessidade crítica de consenso e de coerência metodológica (Kuhn, 1987, 2000; Popper, 1972), pesquisadores na área da psicologia, procuram, cada vez mais, identificar ou explicitar possíveis integrações entre as metodologias qualitativa e quantitativa.

Esta abordagem que busca evidenciar a conveniência de minimizar a dicotomia qualitativa-quantitativa, enfatiza a necessidade da triangulação metodológica, ou seja, o recurso simultâneo dos métodos qualitativo e quantitativo na pesquisa psicológica. Nas páginas que se seguem, serão explicitadas, inicialmente, a abordagem qualitativa e quantitativa; em seguida, será apresentado o processo de triangulação “metodológica”, os chamados métodos mistos; e, por fim, será feita a devida referência à triangulação metodológica em diferentes fases da pesquisa em psicologia.

2 A ABORDAGEM QUALITATIVA *VERSUS* QUANTITATIVA

Antes de avançarmos com a abordagem relativa a possibilidade de superação da dicotomia quantitativo-qualitativo, é necessário descrever os dois paradigmas “considerando o primeiro como positivista/funcionalista, comprometido com a conservação; e o segundo como crítico/dialético comprometido com a mudança. O paradigma é entendido como “o conjunto de atributos, técnicas, valores, modelos ou padrões partilhados por membros de uma comunidade científica e essa por sua vez, estruturada por homens ‘que partilham um paradigma’” (Kuhn, 1987, p.218-219).

Gialdino (1993) sustenta que os paradigmas são marcos teóricos-metodológicos de interpretação dos fenômenos criados e adotados por pesquisadores de acordo com: a) uma visão filosófica de mundo; b) a determinação de uma ou várias formas ou estratégias de acesso à realidade; c) a adoção ou elaboração de conceitos ou teorias que se acredita ou que se supõe dar fundamento para o entendimento dos fenômenos; d) contexto social no qual o pesquisador se encontra; e) a sua forma de compromisso existencial; e f) a eleição dos fenômenos que se vai analisar.

O paradigma positivista quantitativo supõe leis gerais que regem os fenômenos (formula hipóteses prévias, usa técnicas de verificação sistemática, procura explicações causais para os fenômenos e produz generalizações teóricas com validade e confiabilidade), recusando a compreensão subjetiva dos fatos de uma realidade (Denzin, Lincoln, e col., 2006). Assim, nas ciências sociais, os estudos orientados pela doutrina positivista são influenciados inicialmente pela abordagem das ciências naturais, que postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causais entre variáveis, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação, que permitem chegar a verdades universais ou leis gerais, sendo possível, assim, generalizar esse conhecimento (Terence & Filho, 2006). Assim, esta abordagem reflete um complexo processo de objetividade, predição, controle e generalização, de forma a contribuir para o desenvolvimento e validação do conhecimento.

Por outro lado, o paradigma pós-positivista qualitativo trabalha com crenças, valores, opiniões, representações, práticas, lógicas de ação, atitudes, normas culturais, pois o objetivo é conseguir um entendimento profundo e, até, subjetivo dos sujeitos (individual ou coletivo) e dos fenômenos, dirigindo a pesquisa para grupos reduzidos, mas a serem intensamente estudados (Denzin, Lincoln, e col., 2006).

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda - ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social - interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (Terence & Filho, 2006). Os investigadores qualitativos estudam as realidades no seu contexto natural, interpretando-as através dos significados que as pessoas lhes conferem, acreditando, dessa forma, num mundo indeterminado, não previsível e incontrolável, de onde emerge, não o pressuposto da causalidade direta, mas, o da mútua causalidade.

Roazzi (1995) assevera que na abordagem qualitativa o pesquisador está geralmente interessado na maneira como os indivíduos pensam, sentem, e se comportam em relação a importantes fatos e experiências da vida. Assim, sem o recurso da quantificação, esta abordagem não pode produzir generalizações para se construir um conjunto de leis do comportamento humano, nem pode aplicar testes adequados de validade e fidedignidade para verificar a consistência dos resultados (Santos Filho, 2001). O autor evidencia ainda, que os pesquisadores que primam pelo método quantitativo, comumente veem na pesquisa qualitativa uma carência de objetividade, rigor e controle científicos. No ponto a seguir, serão abordados os métodos mistos, como uma “terceira força” que visa superar a dicotomia existente entre as abordagens qualitativas e quantitativas.

3 DO QUALITATIVO *VERSUS* QUANTITATIVO AOS ESTUDOS MISTOS

As divergências entre as abordagens qualitativa e quantitativa refletem diferentes epistemologias, estilos de pesquisa e formas de construção teórica (Terence & Filho, 2006). Esta “guerra” entre paradigmas e mais concretamente, a tese da incompatibilidade, acabou por funcionar como um grande fator impulsionador do desenvolvimento dos métodos mistos, enquanto terceiro movimento metodológico (Johnson & Onwuegbuzie, 2004). De fato, a tese da necessária complementaridade entre ambas as metodologias constitui um movimento que vem adquirindo força e tal como é defendido por diversos autores (e.g., Terence & Filho, 2006; Devechi & Trevisan, 2010), apesar de suas especificidades, os métodos quantitativos e qualitativos não se excluem, e sua aplicação em diferentes momentos de uma investigação pode ser útil e adequado para compreender, explicar ou aprofundar a realidade em estudo.

Afirma Santos Filho (2001) que pesquisadores têm reconhecido que a complementaridade existe e é fundamental, tendo em vista os vários desideratos da pesquisa em ciências humanas,

cujos propósitos não podem ser alcançados por uma única abordagem metodológica. A partir dessa visão se percebeu que as duas maneiras de abordar uma pesquisa científica concebida, até então, como opostas, na verdade, estavam tão somente preocupadas com problemas e tópicos diferentes, mas igualmente importantes. Assim, conclui-se que, o uso de ambas as abordagens na pesquisa investigação de um mesmo problema pode gerar um resultado mais confiável e significativo. Isso sugere, segundo Johnson e Onwuegbuzie (2004), além dos dois paradigmas anteriormente mencionados, a existência de um terceiro movimento metodológico ou paradigma de investigação (os métodos mistos).

Johnson e Onwuegbuzie (2004), definem investigação por métodos mistos, como um tipo de investigação na qual o investigador mistura, ou combina, técnicas, métodos, abordagens, conceitos ou linguagem, da investigação qualitativa e quantitativa, num único estudo. Em geral, esses métodos envolvem a recolha, análise e interpretação de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo ou em uma série de estudos que investigam o mesmo fenômeno (Leech & Onwuegbuzie, 2009).

A postura de combinação das duas abordagens (qualitativa e quantitativa) pode permitir uma melhor inteligibilidade do real, pode evitar atitudes reducionistas, posturas ideológicas e dicotomias entre perspectivas. Existem várias sugestões sobre como combinar a pesquisa qualitativa e quantitativa. Falando da combinação dessas duas abordagens metodológicas, Minayo (1994, apud Silva, 1998), aponta que: a) as duas metodologias não são incompatíveis e podem integrar um mesmo projeto; b) pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa; c) a investigação qualitativa é que melhor se harmoniza ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos; d) o conhecimento social (Quantitativo ou qualitativo) só é possível por recorde e aproximação; e) toda redução e aproximação do fenômeno não podem perder de vista que o social é qualitativo e que o quantitativo é uma das formas de expressão e f) as abordagens qualitativas e quantitativas não se opõem, elas se complementam como teorias e métodos de análise e interpretação.

Alguns autores como Johnson e Turner (2003, apud Rodrigues, 2008) advogam que a combinação de métodos deve ter sempre em mente o princípio fundamental da investigação por métodos mistos: partindo do princípio que todos os métodos têm forças e limitações, os métodos devem ser combinados para que originem vantagens ou forças complementares e que ultrapassem as

limitações. Já Tashakkori e Teddlie (2003, apud Rodrigues, 2008) acrescentam a este princípio dos métodos mistos, outros cinco adicionais princípios dos métodos mistos: 1) A combinação pode ocorrer em qualquer fase do estudo, desde objetivos e questões de partida aos procedimentos de busca de informação, técnicas de análise da informação e inferências finais; 2) O desenho do estudo determina os procedimentos de coleta de dados mas é também independente desses processos, podendo múltiplos procedimentos de recolha de informação serem utilizados pelas duas partes integrantes dos métodos mistos, qualitativa e quantitativa; 3) Os procedimentos de coleta de dados são independentes das técnicas de análise de dados, podendo os dados ser transformados em qualquer altura do estudo e analisados qualitativamente ou quantitativamente; 4) Se os dados não representam o fenômeno teórico ou os atributos em estudo, então nada mais no desenho do estudo importa (também chamado de princípio fundamental da qualidade dos dados) e 5) A qualidade dos dados é uma condição necessária à qualidade da inferência, no entanto não é uma condição suficiente para tal (mas inferências podem ser retiradas com base em bons resultados, embora dados pobres levam a inferências pobres) não sendo os critérios para avaliação da qualidade dos dados os mesmos que avaliam a qualidade das inferências.

Por sua vez, Flick (2009, p.23) propõe os seguintes níveis de combinações de pesquisa qualitativa e quantitativa: a) Epistemologia e metodologia (incluindo as incompatibilidades epistemológicas e metodológicas de ambas as abordagens); b) Desenhos de pesquisa, que combinam ou integram dados e/ou métodos qualitativos e quantitativos; c) Métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos ao mesmo tempo; d) Vinculação dos resultados da pesquisa qualitativa e quantitativa; e) Generalização e f) Avaliação da pesquisa com o uso de critérios da pesquisa quantitativa para avaliar a pesquisa qualitativa ou o contrário.

Na mesma perspectiva, Creswell (1994, apud Ruiz, 2004) apresenta três modelos diferentes de combinação de métodos em pesquisas científicas: **modelo de duas fases**, em que o pesquisador aplica a abordagem qualitativa em momento diferente da aplicação da abordagem quantitativa; **modelo dominante-menos dominante**, através do qual o pesquisador opta por um dos métodos e realiza o trabalho predominantemente utilizando aquele método, deixando somente alguns pontos serem tratados por outra abordagem, e, o **modelo misto**, mediante o qual as visões quantitativa e qualitativa são utilizadas em todas as fases do trabalho.

Por sua vez, Duarte (2009), baseando-se em Denzin (1989), identificou quatro modalidades de triangulação:

1. **Triangulação de dados:** recolha de dados recorrendo a diferentes fontes, ou seja, utilizando uma grande variedade de fontes de dados em estudo. Esta modalidade pode ser realizada através do estudo do fenómeno em tempos (datas – explorando as diferenças temporais), espaços (locais - tomando a forma de investigação comparativa) e com indivíduos diferentes.
2. **Triangulação do investigador:** utilizando diferentes investigadores ou avaliadores. Trata-se, portanto, de comparar a influência dos vários investigadores sobre os problemas e os resultados da pesquisa.
3. **Triangulação teórica:** utilizando diferentes perspectivas para interpretar um único conjunto de dados.
4. **Triangulação metodológica:** são utilizados múltiplos métodos para estudar um único problema. Esta triangulação pode assumir a forma de *triangulação intramétodo*, que envolve a utilização do mesmo método em diferentes ocasiões e a triangulação intermétodos, que significa usar diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo.

Ocorre, por agora apresentar, a forma como pode ser feita a triangulação metodológica na investigação em psicologia.

4 TRINGULAÇÃO METODOLÓGICA EM DIFERENTES FASES DA PESQUISA EM PSICOLOGIA

A maioria dos projetos que empregam métodos mistos de investigação são desenvolvidos a partir de modelo misto (combinação de abordagens qualitativas e quantitativas dentro ou entre as fases do processo de investigação) e método misto (a inclusão de uma fase quantitativa e uma fase qualitativa em uma pesquisa em geral) (Johnson & Onwuegbuzie, 2004). Assim, em contraste com desenhos de modelo misto, projetos de método mistos são semelhantes a realização de um mini-estudo quantitativo e um mini-estudo de natureza qualitativa em um mesmo estudo. Duarte (2009) mostra diversas possibilidades de combinações metodológicas a serem utilizadas, desde o desenho da investigação, análise de dados, até interpretação dos resultados, aplicáveis na ciência psicológica.

a) Desenho da investigação

A combinação intermétodos (qualitativos e quantitativos) pode ocorrer no desenho em simultâneo ou sequencialmente (Duarte, 2009). No desenho simultâneo, o investigador utiliza as metodologias quantitativas e qualitativas ao mesmo tempo e analisa os dados de forma complementar. Já no desenho sequencial, em duas fases separadas, o investigador utiliza (numa versão minimalista) inicialmente um método, e posteriormente outro método. Este modelo assume duas formas: a) inicia-se com um método qualitativo seguido de um método quantitativo, antes de os resultados de ambos serem estabelecidos e aprofundados numa fase qualitativa (e.g. uso simultâneo de exploração, uma técnica do método qualitativo; do questionário, com recurso ao método qualitativo; e aprofundamento e controle dos dados, através do método qualitativo) ou b) parte-se com um método quantitativo, recorre-se posteriormente ao aprofundamento através de um método qualitativo e efetua-se uma intervenção experimental para testar os resultados dos passos anteriores (e.g. uso simultâneo de questionário, através do método quantitativo; estudo de campo, uma forma do método qualitativo; e a experimentação, uma forma do método quantitativo).

Mais precisamente, no modelo quantitativo-qualitativo o investigador começa com um método quantitativo e prossegue com um estudo qualitativo. De forma oposta, no modelo qualitativo-quantitativo, o investigador inicia o processo de investigação com a recolha de dados qualitativos e utiliza os resultados para desenhar a fase quantitativa do estudo.

De forma sumária, esta fase pode ser feita através do cruzamento de dados provenientes de várias fontes, técnicas e instrumentos (e.g., fichas de observação, entrevistas, questionários).

b) Análise de dados

Ao nível da análise de dados também se pode mencionar a combinação de métodos, quando se “transformam” dados qualitativos em quantitativos, e dados quantitativos em qualitativos. A análise de conteúdo (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) constitui uma das formas de transformação de dados qualitativos - obtidos, por exemplo, por meio de entrevista - em dados quantitativos - analisados em termos de frequência.

Roazzi (1995) ressalta que na análise de conteúdo, os métodos de análise são qualitativos e quantitativos, e visam resultados mais objetivos e mensuráveis, que possam variar de acordo com os objetivos específicos da pesquisa e material a ser analisado. Para este autor, a “análise de conteúdo, usualmente utilizada para dados qualitativos e descritivos, é um método de

investigação multivariado desenvolvido especificamente para estudar qualquer problema no qual o conteúdo da comunicação serve de base para a inferência; mais especificamente, visa compreender de forma crítica o sentido das comunicações através de uma descrição objetiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo manifesto ou latente das significações explícitas ou ocultas do conjunto de informações recolhidas”. Um exemplo de uma técnica que possibilita a estruturação de entrevistas qualitativas, gerando dados qualitativos que podem ser analisados estatisticamente é o PCM, um procedimento utilizado para explorar a forma como as pessoas categorizam e elaboram sistemas de classificação (Roazzi, 1995).

c) Interpretação dos resultados

A fase de interpretação de resultados é das formas mais utilizadas de combinar dados quantitativo e qualitativo, que consiste na sua articulação nos resultados da investigação (Duarte, 2009). Esta articulação pode realizar-se no mesmo projeto ou em projetos diferentes, de uma forma sequencial ou simultaneamente (Flick, 2009). Kelle e Erzberger (2005, apud Duarte, 2009) evidenciam que desta combinação podem advir três resultados: a **convergência e confirmação mútua**, o que conduz às mesmas conclusões; a **complementaridade**, por evidenciarem aspectos diferentes do mesmo problema e a **divergência** ou **contradição** de resultados, que pode ser explicada, sobretudo, como consequência de erros metodológicos ou como indicador de inadequação dos conceitos teóricos utilizados.

Numa abordagem do SSA (Análise dos Menores Espaços - ‘*Smallest Space Analysis*’ ou ‘*Similarity Structure Analysis*’, utilizada para analisar as classificações dirigida, Roazzi (1995), por exemplo, diz que ao “examinar a configuração espacial da solução do SSA, interpreta-se a representação geométrica da correlação entre os itens estudados. Segundo o autor, a distância entre os pontos reflete o grau de similaridade entre os pontos de acordo com uma determinada medida de similaridade, permitindo um controle dos dados, seja de um ponto de vista qualitativo ou quantitativo”, o que mostra claramente a possibilidade de combinação de métodos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora alguns autores como Kuhn (2000), declarem que “a falta de uma interpretação padronizada ou de uma redução a regras que goze de unanimidade não impede que um paradigma oriente a pesquisa e que a existência de um paradigma nem mesmo precisa implicar a existência

de qualquer conjunto completo de regras”, a combinação de paradigmas é fundamental no estudo dos fenômenos psicológicos.

Na verdade, mesmo que as duas abordagens sejam distintas quanto à forma e à ênfase em sua concepção e metodologia, elas não são opostas ou antagônicas e sim desiguais e complementares nos estudos e na leitura e compreensão da realidade (Devechi & Trevisan, 2010; Neves, 1996; Santos Filho, 2001; Terence & Filho, 2006; Queiroz, 2006), pois os elementos de ambas as abordagens podem ser usados conjuntamente em estudos mistos, para fornecer mais informações do que poderia se utilizasse um dos métodos isoladamente. Dessa forma, os métodos quantitativos podem e devem ser aplicados dentro de uma unidade epistemológica sem cair em contradição metodológica (Queiroz, 2006). O autor corrobora a ideia de Filho (2001) segundo a qual, parece ser fictícia, e mesmo simplista e artificial a dicotomia entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

É necessário ressaltar que para maximizar a triangulação metodológica e de modo a se obter resultados de pesquisa mais confiáveis, reafirmamos a necessidade imprescindível de ter precisão no conhecimento dos aspectos teóricos, técnicos e metodológicos de cada abordagem. Tal como refere Punch (1998, apud Rodrigues, 2008) as duas abordagens têm méritos, forças e fragilidades, não sendo nenhuma superior à outra e sendo as duas necessárias na investigação social, constituindo a tarefa dos investigadores, compreender as forças e fragilidades de cada uma das abordagens e selecionar a abordagem, ou combinação de abordagens, com base nessa análise. Como ressaltado por Roazzi (1995), a escolha de uma determinada técnica ou método em detrimento de outro está relacionada com os objetivos e as preocupações específicas do pesquisador, que precisam estar claramente explicitadas. Além do mais, o autor alerta que restrições no momento da coleta dos dados que valorizem mais seu caráter quantitativo em detrimento de sua profundidade qualitativa, bem como, na fase de análise, devem ser evitadas por restringir o alcance das conclusões de uma investigação. Na verdade, e segundo Günther (2006) idealmente o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Ainda assim, a decisão de realizar uma pesquisa de métodos mistos deve depender da questão de pesquisa, propósito e contexto (Venkatesh, Brown & Bala, 2013).

Baseando-nos em Queiroz (2006), defendemos a tese de que na consolidação da pesquisa científica, o pesquisador deve ser capaz de superar as aparentes contradições epistemológicas, metodo-

lógicas e operacionais entre a abordagem qualitativa e quantitativa, recorrendo a heterogeneidade dos métodos e técnicas das duas abordagens, a fim de realizar uma investigação sistemática, abrangente e comprometida, tanto com os princípios científicos quanto com a realidade investigada. Uma abordagem de métodos mistos ajuda o pesquisador a encontrar respostas teoricamente plausíveis para suas questões de investigação e a desenvolver informações valiosas sobre diversos fenômenos de interesse que não podem ser amplamente compreendidos usando apenas um método (Venkatesh, Brown & Bala, 2013). Além de que, isso pode ajudar a ultrapassar as limitações metodológicas e a resolver problemas das investigações monométodos.

REFERÊNCIAS

ANAF, S. & Sheppard, L. A. (2007). **Mixing Research methods in Health Professional Degrees**: Thoughts for Undergraduate Students and Supervisors. *The Qualitative Report*, 12(2), 184-192.

BARDIN, L. (1977). **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

CARVALHO, A. M. A., Pedrosa, M. I. & Amorin, K. S. (2006). **Retomando o debate qualidade x quantidade**: uma reflexão a partir de experiências de pesquisa. *Temas em psicologia*, 14 (1), 51-62.

DENZIN, N. K.; Lincoln, Y. S. (2006). (org.) **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed.

DEVECHI, C. P. V. & Trevisan, A. L. (2010). **Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação**: positividade ou simples decadência? *Revista Brasileira de Educação*, 15 (43).

DUARTE, T. (2009). **A possibilidade da investigação a 3**: Reflexões sobre triangulação (metodológica). Centro de investigação e estudos de Sociologia.

FLICK, U. (2009). **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ARTMED.

Gialdino, I.V. (1993) **Métodos cualitativos**: los problemas teorico metodologicos. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina.

GÜNTHER, H. (2006). **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa**: Esta É a Questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (2), 201-210.

JOHNSON, R. B., & Onwuegbuzie, A. J. (2004). **Mixed Methods Research**: A Research

ch Paradigm Whose Time Has Come. *Educational Researcher*, 33(7), 14-26.

KUHN, T. S. (2000). **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva.

KUHN, T. S. (1978). **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva.

LAVILLE, C., & Dionne, J. (1999). **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora ARTMED.

LEECH, N. L. & Onwuegbuzie, A. J. (2009). **A typology of mixed methods research designs**. *Qual Quant*, 43, 265-275.

POPPER, K. R. (1972). **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix.

ROAZZI, A. (1995). **Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: Procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais**. *Cadernos de Psicologia*, 1, 1-27.

RODRIGUES, A. S. (2008). **A definição do conceito de grupo e suas implicações no funcionamento do sistema**. O caso das equipas cirúrgicas. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

RUIZ, F. M. (2004). **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa: Complementaridade cada vez mais enriquecedora**. *Adm. de Emp. em Revista*, Curitiba, 3, 37-47.

SANTOS Filho, J. C dos (2001). **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático**. In Santos Filho, J. C. dos, Camboa, S. S. *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. (4ª ed.). São Paulo: Cortez.

SILVA, R. C. (1998). **A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: Paradigmas que informam nossa prática de pesquisa**. In Biasoli-Alves, Z. M. M. & Romanelli, G. (Org.) (1998). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 159-154.

TERENCE, A. C. F., & Filho, E. E. (2006). **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil.

VENKATESH, V., Brown, S. A. & Bala, H. (2013). (2013). **Bridging the qualitative-quantitative divide: guidelines for conducting mixed methods research in information systems**. *MIS Quarterly*, 37(1), 21-54.